

Entre sexo, ajuda e programa: experiências e dilemas da sexualidade no contexto dos bares de alterne em Lisboa



LIRA TURRER DOLABELLA

Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA), Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL)

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v24i24p244-263

resumo Este artigo trata de vivências de brasileiras no contexto dos bares de alterne em Lisboa, focando especialmente os usos instrumentais da sexualidade. Bares de alterne são estabelecimentos direcionados ao público masculino onde o trabalho das mulheres é entreter os clientes e induzi-los ao consumo. Partirei de dois episódios do campo que apresentam, de maneiras diferentes, a primeira experiência de duas mulheres com o envolvimento entre dinheiro e sexo. O primeiro trata de um relato gravado que traz um discurso elaborado, reflexivo e dotado de continuidade e coerência. O segundo, recolhido através da observação participante, apresenta uma sequência de eventos que marcam uma súbita ruptura com o que era considerado normalidade pela interlocutora e a ameaça identitária diante da possibilidade de vir a se definir como “puta”. Nesse sentido, discuto ainda como o uso de narrativas biográficas serve como um complemento importante à observação em campo na construção do trabalho etnográfico.

palavras-chave Relatos biográficos; Mercado sexual; Gênero; Sexualidade.

Among sex, help and work: dilemmas of sexuality in the context of gentleman's clubs in Lisbon

abstract This article investigates the experiences lived by Brazilian women who work in gentleman's clubs in Lisbon – clubs where women work to entertain the customers and to make them consume – paying special attention to the instrumental use of sexuality. I will present two episodes of my field work that rely on the first experience with the involvement between money and sex lived by two women. The first one is a narrative, reproduced exactly the way it was narrated, that brings an elaborated, reflexive and coherent discourse. The second one, collected through participant observation, presents a sequence of events that rely on the sudden rupture with what was considered normal by the interlocutor and the identity's threat caused by the possibility of being defined as a “whore”. In this sense I demonstrate how biographic narratives work as an important complement to the field observation for the construction of the ethnographic research.

keywords Biographical narratives; Sex market; Gender; Sexuality.

Introdução: algumas considerações sobre o terreno

Este artigo busca discutir os dilemas desencadeados pelo envolvimento entre dinheiro, sexo e afetos a partir das vivências de duas mulheres brasileiras que trabalham em bares de alterne em Lisboa. Procuro ainda descrever alguns aspectos dos processos de recolha de material empírico, aqui trabalhado, no sentido de demonstrar a importância que as biografias e narrativas, aliadas à observação em campo, assumem na construção do trabalho etnográfico no campo do mercado sexual.

Bares, clubes ou casas de alterne são estabelecimentos direcionados ao público masculino onde o trabalho das mulheres é entreter os clientes e induzi-los ao consumo. As meninas¹ ganham uma comissão sobre cada bebida que lhes é oferecida, pelos clientes, em troca de sua companhia dentro dos bares. Além das meninas alternes, *strippers* também trabalham nesses clubes. Estas, além do cachê que recebem pelas performances, também bebem copos comissionados, como as alternes. Vale ressaltar que o sexo não está inscrito na atividade e não é permitido no estabelecimento.

O preço da companhia feminina, assim como grande parte do lucro da casa, se esconde por trás do valor elevado das bebidas que podem ser oferecidas às mulheres. Uma garrafa de espumante, que é comprada no supermercado por três euros, por exemplo, custa por volta de cem euros no bar e corresponde a mais ou menos quarenta minutos de companhia feminina – tal duração depende da alterne, do cliente, da relação entre ambos e também se há mais mulheres compartilhando a mesma garrafa. As comissões variam e o tempo da companhia não é determinado ou medido, mas a alterne não permanece na mesa com o cliente caso ele não pague por bebidas. A regra geral é que a menina não faça companhia ao cliente por mais de quinze minutos sem beber.

Considero a atividade das alternes como uma forma de entretenimento adulto que envolve vários níveis de proximidade física e emocional, semi-nudez, diferentes formas de interações eróticas – porque predominantemente vinculadas ao sexo –, emocionais e íntimas, tais como conversas, flerte, companhia, dança e contato corporal.

Os obstáculos do terreno e a busca por alternativas: as narrativas entram em cena

O processo de recolha e/ou produção de material empírico para a pesquisa que venho a desenvolver foi permeado por inúmeros obstáculos. Havendo, no mestrado, realizado um trabalho exploratório do terreno, estabelecendo contatos e adquirindo conhecimentos sobre o universo a ser estudado, as expectativas de retorno ao campo para seu aprofundamento eram positivas. Para a minha infeliz surpresa, grande parte das meninas que colaboraram na pesquisa anterior haviam regressado ao Brasil. Das que permaneceram em Portugal, algumas abandonaram a cena dos bares de alterne por completo e umas poucas intercalavam outros trabalhos “normais” com atividades da noite.²

Por indicação de uma das meninas que havia participado na pesquisa de mestrado, fui ao bar em que ela havia trabalhado na esperança de conseguir uma brecha para possíveis visitas e observações. Porém, a gerente não permitiu a minha presença permanente na casa, uma vez que era um bar de pequeno porte, com poucas meninas, e os clientes poderiam estranhar. O acesso ao bar me foi permitido apenas enquanto cliente e, para isso, eu teria que pagar bebidas para conversar com as meninas, uma vez que elas próprias não estavam interessadas em disponibilizar seu tempo comigo gratuitamente, o que era, na minha opinião, bastante compreensível.

A imagem romântica que eu tinha a respeito da inserção no terreno empírico, com caderninhos cheios de anotações importantes, gravações de entrevistas e convivência contínua com interlocutoras(es), se converteu em buscas fatigantes por contatos, dinheiro gasto em bebidas caras, sensação de ser presença indesejável, interações improdutivas, ligações nunca retornadas, indisponibilidade e falta de boa vontade das pessoas e promessas de encontros nunca cumpridas.

A inconstância e a impossibilidade de uma rotina na recolha de material culminaram na demanda pela combinação de diferentes técnicas e ferramentas de investigação. Tratava-se de uma situação na qual eu deveria otimizar ao máximo qualquer que fosse a interação com pessoas envolvidas no terreno, fosse nos bares ou fora deles, com as meninas que já não exerciam a atividade, já que as possibilidades de repetidos encontros com uma mesma pessoa se mostravam reduzidas. Um dos recursos utilizados, de maneira mais ou menos intuitiva, foi o alargamento dos pontos a serem desenvolvidos nas entrevistas de forma que pudessem cobrir a maior quantidade de assuntos possível em um só encontro, sobretudo quando entrevistava meninas que já não trabalhavam mais na noite ou que nem mais viviam em Portugal (estas realizadas via Skype).

Procurei seguir um guião de entrevistas semiestruturadas formulado a partir dos seguintes tópicos: as condições e motivações por trás do projeto migratório; o processo de mudança e as vivências iniciais em Portugal; a entrada na noite e as experiências ao longo do exercício da atividade de alterne. Isso é dizer que muitas entrevistas são relatos feitos através de buscas na memória de eventos passados, o que é diferente do falar sobre experiências recentes ou da reflexão que se faz acerca da situação em que se vive no presente. O passado vem, muitas vezes, permeado por uma memória emocional que seleciona, classifica e reinventa a narrativa na medida em que a reflexão se impõe sobre ela no ato de relembrar e descrever situações.

A recolha desses relatos, que se deu enquanto alternativa encontrada em vista da falta de outras possibilidades de interação efetiva no campo, passou, aos poucos, a integrar o quadro primário do material empírico, mesmo quando não houve a possibilidade de um contato mais duradouro e consistente com as entrevistadas. Tais narrativas se converteram em contributos relevantes quando articuladas às observações feitas nos bares e aos outros instrumentos de pesquisa que posteriormente foram possíveis (entrevistas com clientes, interações informais com as meninas em espaços de lazer, pesquisas em fóruns virtuais sobre o mercado sexual em Lisboa etc.).

Os eventos do passado, transformados em narrativa, revelam visões gerais e particulares do mundo que procuro compreender. O se apropriar da própria história – algo que o ato de narrar torna possível – não é só elemento central de sustentação do Eu, como bem colocou Brandão (2007), mas constitui também um exercício reflexivo sobre a identidade e o posicionamento social do narrador no contexto do qual se fala. À medida que os sujeitos relatam e interpretam suas experiências vividas, eles projetam nas narrativas suas ideias acerca de si mesmos, permitindo ressignificações identitárias, como observou Lechner (2009, p. 6).

[...] os relatos de vida são eles próprios lugares e momentos de experiência para quem se relata. O saber produzido pelas narrativas biográficas fabrica pois tanto histórias como sujeitos e contextos; desenha perfis identitários e pertencas, mas também constrói subjectividades e reivindicações conscientes.

As narrativas apresentam certos tipos de representações acerca de ideais identitários e de status, valores de gênero, moralidades e papéis sociais que estão em permanente disputa na construção da pluralidade dos Eus da pessoa que narra. Por ser reflexivo e manipulável, o ato de narrar permite uma aproximação do pesquisador ao sujeito de pesquisa da maneira como ele próprio se dá a conhecer. Através das narrativas de si, e das apreciações pessoais acerca de determinadas experiências, falam também os discursos

institucionais, morais e subjetivos que informam as construções identitárias e as práticas sociais. Vale ressaltar ainda que se trata de um processo que não é apenas expressivo, mas também constitutivo e produtivo de significados e realidades.

Contudo, é importante dizer que as interações mais prolongadas com algumas das meninas, a observação participante nos bares, que posteriormente se tornou possível, e o fato de “estar lá” no momento em que situações, conversas e experiências aconteciam foram obviamente fundamentais para que eu pudesse construir o meu próprio olhar sobre o terreno e colocasse em causa algumas “verdades” anteriormente relatadas sobre o mesmo. Foi através da presença *in loco* que foi possível situar as narrativas de acontecimentos aparentemente autônomos, articuladas às formas expressas de dotar esses acontecimentos de sentido, em uma rede mais ampla e complexa de relações sociais. Como observaram Lima e Sarró (2006, p. 21),

A importância atribuída à permanência no terreno, o reconhecimento de que a pesquisa afecta a experiência de vida pessoal do antropólogo e, nessa medida, condiciona o percurso da investigação e afecta os seus resultados, demonstra como o trabalho de campo é constitutivo do próprio processo de produção científica da antropologia e não apenas a estratégia metodológica que define a disciplina.

Além disso, as repetições de comportamentos; as dinâmicas de funcionamento dos bares; as interações entre colegas e entre estas e os patrões e as patroas; os fluxos de clientes; as performances e expressões corporais; as formas com que as meninas se dividem em grupos; a alteração dos ânimos com a ingestão de álcool; as conversas com as meninas na espera entre um cliente que sai e outro que chega e os comentários e apreciações sobre os mesmos, entre outras coisas, são elementos importantíssimos para as reflexões aqui feitas aos quais eu não teria tido acesso sem a observação nos bares. Citando mais uma vez Lima e Sarró (2006), “[...] só o estar e o partilhar de experiências pode permitir compreender coisas que o discurso não revelaria”. Portanto, é justamente a complementaridade entre a recolha de narrativas e relatos biográficos e a observação *in loco* que deu a substância necessária para as análises não só dos dois casos que apresento neste artigo mas como da pesquisa como um todo.

Jéssica, Gabi, sexo e dinheiro

O primeiro caso que apresentarei é um relato biográfico, gravado e reproduzido tal como foi narrado – embora seja apenas uma parte de um

relato mais longo, com alguns cortes em vista do enfoque aqui pretendido. O segundo apresenta uma sequência de eventos que aconteceram ao longo de alguns dias, durante a observação participante em um bar e interações com algumas das colaboradoras da pesquisa.

Jéssica, a narradora do primeiro episódio, tem 28 anos, trabalhou num bar de alterne junto com sua irmã mais velha, por mais ou menos um ano e depois abandonou a noite para trabalhar na recepção de um hostel. Na época em que esse relato foi feito, ela ainda estava no hostel, mas passara a frequentar um bar de saída – bar voltado para a prostituição, onde as mulheres angariam clientes para programas – em alguns dias da semana com o intuito de juntar dinheiro para realizar o projeto de se mudar para Londres.

Eu tive uma experiência meio traumática com um cliente na época em que eu trabalhava no bar [de alterne]. Eu tava indo para o Brasil de férias, eu e a minha irmã. Era a primeira vez que a gente tava indo desde que a gente tinha vindo pra Lisboa. Naquela época a gente vivia no perrengue de grana porque a gente gastava tudo em viagem, festas e essas coisas boas da vida. A grana era curta, mas a gente curtia muito! E sempre quando a coisa apertava, quando tinha que pagar a renda [aluguel], por exemplo, a gente corria pro bar e trabalhava mais dias – porque normalmente a gente só ia pra fazer a graninha da semana, tipo umas três vezes na semana. A gerente ficava puta, mas ela nunca ia mandar a gente embora porque quando a gente tava lá, a gente trabalhava bem, os clientes gostavam da gente, não tinha um dia que a gente saía no zero. E nesse meio tempo a gente ralava noutros trabalhos “normais” [fazendo gesto de aspas] em restaurantes e tal. Mas a gente tava sempre no perrengue! Daí, quando conseguimos juntar dinheiro pra ir pro Brasil – eu ainda tinha a minha passagem de volta e a Sara [a irmã] tinha conseguido a dela com um cliente que era louco por ela, ele achava que ela era namorada dele, coitado. Mas então, a gente queria levar uns presentes... Na verdade a gente queria dar uma de Papai Noel mesmo porque tem muita coisa aqui [em Portugal] que é mais barato, diferente... tipo essas coisas que a gente não encontra fácil no Brasil – pô, lá não tem H&M [loja de departamentos de roupas]! [...] A gente sempre lembrava da minha mãe em tudo que a gente comia de diferente, por exemplo. A gente queria levar vinho, azeite, bacalhau, essas coisas... bem coisa de jeca mesmo (risos). Um tempo antes da viagem, a minha irmã inventou um drama pra um

cliente, dizendo que precisava muito de um computador pros estudos dela e tal. Ela acabou conseguindo, mas não era pra ela – ela já tinha um – era pra gente levar pra minha mãe. Ela [sua mãe] até chorou de alegria quando viu o computador, tadinha! Mas enfim... A hora de viajar tava chegando e a gente não tinha comprado quase nada. Começou a bater um desespero porque o movimento no bar tava fraco e não tava dando pra ir muitos dias por causa dos outros compromissos...

Nessa mesma época eu tava começando um namoro e a Sara também tinha acabado de conhecer um carinha e tava toda empolgada, e eles não sabiam de nada dessa coisa da gente trabalhar na noite, e então não sobrava muito tempo pra ir no bar. Vida dupla é muito difícil! (risos) Mas então tinha um cliente lá do bar que já tinha insinuado que queria sair comigo e com a minha irmã juntas e que tava disposto a pagar bem por isso. Só que naquela época eu nunca tinha feito programa, isso nem passava pela minha cabeça, eu nem dava muito espaço pros clientes, tipo eu nunca dava nem o número do telemóvel... Porque isso era normal, a maioria das meninas saía com alguns clientes e tal... Mas eu só bebia copos mesmo. A Sara tinha essa relação com o cara lá que deu a passagem pra ela... [eu interrompo e pergunto como era essa relação] Então, na maioria das vezes eles se viam só no bar mesmo, ele ia lá sempre pagar uma garrafa pra ela. Ele tinha o número dela e ligava antes pra combinar porque ele sabia que ela não era muito assídua no bar, mas achava que era só por causa dos estudos e tal... Só de vez em quando ela saía com ele, jantava e essas coisas... e quando não tinha como fugir mesmo, ela tinha que comparecer, né [se referindo ao sexo]? Tinha que ser, mas ela enrolava ele até não poder mais, e as vezes me enfiava nos programas [“programas”, nesse caso, refere-se aos encontros com o tal cliente, como os jantares por exemplo] pra ficar mais fácil de despachar ele. Mas era aquela coisa... Ele sempre tava disposto a ajudar, dava dinheiro quando ela pedia pra pagar alguma conta e essas coisas... mas aí ela tinha que atender os telefonemas, dar uma satisfação e tal.

Ela tinha dois telefones na época: um só pros clientes e colegas do bar e outro pessoal. E isso acho que é o mais cansativo de tudo, sabe? Não é o trabalho em si, beber copos ou sair de vez em quando com um cliente... mas o mais chato é o dever de casa, essa coisa de ter que dar atenção, satisfação... E essa coisa

de ter vida dupla, ter que estar atenta o tempo todo, ter dois telefones e tal... É um saco!

[...] Mas então, como a gente não tinha muito tempo e precisava mesmo de grana antes de viajar, a gente ligou pro tal cara que queria sair com a gente e perguntamos, na tora [sem rodeios], quanto é que ele pagaria pra sair com a gente. Não me lembro muito bem como foi a negociação, mas lembro que acabamos acertando em 350 euros... (pensativa) é, acho que foi isso mesmo, 350 euros, ou quatrocentos... uma coisa assim. E então fomos encontrar com ele no escritório dele em Benfica [bairro em Lisboa]. A gente tava supernervosa, mas a chance de ter essa grana assim na mão dava uma animada, né? Chegamos lá no escritório do cara e ele tava sozinho. A gente ficou super sem saber o que fazer... falta de experiência, né? Daí ele disse que era melhor a gente ir pra um motel. Bateu uma insegurança, um medinho, mas a gente foi assim mesmo. A gente foi no carro dele pra um motel que ficava tipo perto da linha de Sintra [região metropolitana de Lisboa]. Aí chegamos no quarto e ele disse que queria ver nós duas transando, acredita? Daí a gente disse que a gente podia brincar todo mundo junto e tal – tentando salvar aquela situação. Mas ele disse que a única coisa que ele queria era ver eu fazendo sexo com a minha irmã! Eu fiquei chocada com aquilo. Aí era meio demais, né? Foi uma situação bem tensa. E o cara mudou de atitude, sabe? Tipo, no bar ele era sempre gentil, bacana e tal. Mas dessa vez ele tava meio grosso, tratando a gente meio mal. Aí a Sara começou a chorar e falar um monte de coisas, fez o maior drama que a gente precisava muito desse dinheiro mas que não sabia que era pra isso que ele tava pagando a gente... Aí ele ficou meio calado e com cara de puto da vida. Então foi aquele climão e não rolou nada. Eu queria sumir! Mas com o chororô todo da minha irmã ele acabou pagando, acho que pagou menos que o combinado, uns cinquenta euros a menos, acho... Quando ele virou as costas, quando a gente tava indo pro carro, a Sara me disse: “Não se preocupa, isso foi puro teatro, foi o jeito que eu arrumei de tirar a gente dessa roubada”. E que roubada, hein? Foi tenso! E meio humilhante, sabe? Mas no fim acabou que deu tudo certo, né? Eu achei que ele não fosse pagar nada e já tava imaginando como que a gente ia fazer pra voltar pra casa daquele fim de mundo! Mas ele deixou a gente na porta do Colombo [um shopping] e fomos

direto pro Continente [hipermercado] fazer as nossas compras pro Brasil. Deu pra encher dois carrinhos e a gente teve que chamar um taxi pra levar tudo aquilo pra casa! Mas foi muito tenso, a gente não deu um pio sobre o assunto durante o dia todo. Acho que a gente nunca mais voltou a falar nisso. Foi constrangedor, humilhante... sei lá, acho que ficamos com aquela sensação de “será que a gente não foi longe demais?”, porque poderia ter dado merda, né? Sei lá...

[Eu pergunto:] E agora que você faz programas, como que é? Você passa por situações parecidas?

[Ela responde:] Não, de jeito nenhum. É totalmente diferente. Aquilo não foi programa, não tem nada a ver. No programa tudo é conversado antes, o valor, o tempo... Não tem humilhação, tensão... Não tem surpresa, é muito mais simples. Claro que deve ter uns clientes meio bizzarros, né? Mas eu devo ser meio sortuda porque nunca passei por nada assim tenso, esquisito. A gente tinha era que ter feito uns programas naquela época... Duas visitinhas numa casa de saída e a gente teria o triplo do dinheiro e com menos sofrimento. Mas naquela época a gente não sabia de nada... (Entrevista com Jéssica, 28 anos. Lisboa, agosto de 2012)

Gabi, protagonista do segundo caso que se segue, tinha 22 anos na época do acontecido e ainda era nova na noite – havia começado a trabalhar num bar de alterne, pela primeira vez em sua vida, há algumas semanas apenas.

Estávamos eu [a autora], Gabi e Bela na casa de Luciana, tínhamos combinado de ir juntas para o bar em seu carro. Gabi estava preocupada porque tinha que mandar uma quantia maior para o Brasil para ajudar os pais numa dívida e em contas atrasadas. Ela reclamava que não havia trabalhado bem durante a semana e que precisava de um dinheiro rápido, até porque estava com medo de não conseguir pagar o aluguel. Bela então disse que ia apresentar um cliente pra ela. E começou a explicar que era um cliente muito especial, mas que ele não gosta de frequentar os bares, só muito de vez em quando. Ela disse que ia ligar pra ele e falar que tinha uma amiga que achava que ele ia gostar – “ele vai gostar de ti, você é novinha, bonita... e ele gosta das branquinhas assim como você”. E continuou explicando que provavelmente ele iria no bar, paga-

ria uma mini [Mini Gância é a garrafa pequena de espumante – Gância é a marca mais comumente disponível nesses bares] para conhecê-la melhor e para trocarem contatos. E depois eles marcariam um encontro e ele a levaria para um apartamento seu, onde não mora ninguém.

Gabi então fez uma cara de espanto e disse: “Ai, Bela, mas assim não... Programa eu não tenho coragem de fazer, não vou fazer isso, não quero ser puta”. Bela prontamente respondeu: “Não é nada disso de programa! Ele não vai às putas, ele não gosta. Relaxa, você vai ver, esse homem é a galinha dos ovos de ouro, se ele gostar de você, você tá feita! Escuta o que eu to te falando e deixa de ser boba... Ele é um homem discreto, gentil e cheiroso! Além disso, ele é velhote e é tudo muito rápido. Em menos de meia hora você volta pra casa, linda e rica. Você não precisa falar nada de dinheiro com ele, ele não gosta. Ele vai enfiar uma nota no seu bolso e vai dizer: ‘isso é pro seu pequeno almoço’. Ele é cheio da guita [dinheiro], é casado e conhecido. Ele não vai querer jantar, ficar te ligando, nem nada disso”. Gabi continuou relutante, mas acabou deixando Bela ligar para o tal cliente.

Na mesma noite, conversando com Bela, eu voltei no assunto do tal cliente para tentar entender melhor. Ela me contou que já tinha saído com ele algumas vezes, mas que agora eram só amigos. Me contou ainda que ele mantém um apartamento só para levar “as meninas”. Disse que ele tem um gosto exigente, que normalmente sai só com uma mulher durante muito tempo e que não frequenta casas de saída porque não gosta de se relacionar com prostitutas, prefere uma menina com quem ele possa estabelecer uma relação de confiança e exclusividade. Por sorte eu estava no bar, alguns dias depois, quando Carlos, o tal cliente, apareceu para conhecer Gabi, por sugestão de Bela. É um homem na faixa dos sessenta anos, de estatura baixa, vestido casualmente. A recepção por parte dos empregados de mesa foi calorosa, todos o trataram por doutor Carlos. Minutos depois de sua entrada, o dono do bar veio pessoalmente cumprimentá-lo. Conversaram por alguns minutos no bar e, logo depois, Carlos se dirigiu ao sofá onde eu estava sentada com Bela, Gabi, Luciana e Dani. Talvez por ser um cliente importante, eu rapidamente percebi os discretos sinais da empregada do balcão e das meninas para que eu deixasse a mesa e assim o fiz, discretamente, antes de ele se aproximar. Do bar,

pude observar a cena. Carlos cumprimentou todas do pequeno grupo, uma a uma, e acomodou-se ao lado de Gabi, após as apresentações. Sem que ele fizesse qualquer sinal, o empregado trouxe uma Mini Gância para cada uma das meninas. Conversaram e riram por uns dez minutos. Carlos se levantou com Gabi e os dois foram para uma mesa mais discreta ao canto. Outra Mini Gância foi servida à Gabi. Apenas vinte minutos depois, Carlos deixava o bar.

Alguns dias depois, Gabi me contou como tinha sido com Carlos. No dia em que ele foi ao bar eles só conversaram normalmente, como é com qualquer cliente com quem se senta a primeira vez. A única diferença foi a de que ele pediu para encontrá-la ao final do expediente para levá-la em casa. Gabi aceitou, seguindo as orientações de Bela. Ela estava um pouco nervosa, mas nada demais aconteceu, só um beijo na boca ao se despedirem, que a fez se sentir um pouco enojada, mas disfarçou. Eles trocaram telefones. Antes de ela descer do carro, ele colocou algo em seu bolso e disse exatamente como Bela havia previsto: “Isso aqui é para tomares o pequeno almoço”. Era uma nota de cinquenta euros. Dois dias depois eles combinaram de se encontrar. Por volta das 10h30 da noite, Gabi deveria apanhar um taxi até o tal apartamento, onde Carlos estava a sua espera. Ela me contou que estava muito nervosa e que nunca imaginou que fosse fazer “uma coisa dessas” e que rezava para que fosse tudo tranquilo e rápido. O apartamento era um apartamento vazio, só com a cozinha equipada e apenas um dos quartos mobiliado com uma cama de casal. “A casa é mesmo só pra isso e eu pensei: que velho safado!” Ele a conduziu para o quarto, conversaram um pouco e ele começou a tocá-la e beijá-la. Ela sentiu-se novamente um pouco enojada, mas logo decidiu que, já que estava lá, tentaria fazer o seu melhor. Ela se despiu e os dois fizeram sexo. “Foi bem normal e rápido, fiquei até surpresa! Ele foi o tempo todo muito gentil e educado e no final eu pensei: até que foi bem mais fácil do que eu imaginava! E ele é realmente cheiroso, pelo menos isso!”, ela me disse, sorrindo. Os dois se vestiram, ele foi à casa de banho, depois ela, e logo após deixaram o apartamento. No elevador, ele abriu a pequena bolsa que ela carregava e deixou o dinheiro lá dentro dizendo a mesma coisa do pequeno almoço, mas acrescentando que deveria ser suficiente para pagar o taxi também. Ele a levou de carro até

um ponto de táxi e, assim que ela informou o endereço ao motorista, rapidamente abriu a bolsa para conferir quanto é que tinha ganhado de Carlos e, em suas palavras, mal podia acreditar: ela levava consigo duas notas: uma de vinte e outra de quinhentos euros. “Ele ainda teve o cuidado de deixar uma nota de 20 para pagar o táxi, achei fofó!” (Trechos retirados das notas de campo, Lisboa, novembro de 2012)

A história contada e a história vivida: quando observação participante e os relatos se encontram

Primeiramente, é preciso fazer um breve comentário sobre o pano de fundo que é comum às duas personagens principais dessas histórias. Ambas, assim como todas as colaboradoras desta pesquisa, compartilham um contexto migratório no qual estão localizadas numa posição desigual e desprivilegiada nas hierarquias sociais pelo fato de serem: mulheres; brasileiras (e racializadas);³ inseridas numa atividade marginalizada que evoca a ideia de uma sexualidade desviante; e consideradas de uma classe social inferior pela subalternidade de seu estatuto de imigrantes advindas de um país tido como subdesenvolvido. Trata-se de um contexto no qual uma conjunção de fatores se intersecta, situando essas mulheres num status social inferior e fazendo com que seu valor e credibilidade enquanto indivíduos e cidadãos sejam reduzidos. Neste sentido, o que produz uma espécie de elo identitário entre as colaboradoras desta pesquisa é precisamente o seu posicionamento subalternizado e estigmatizado nas hierarquias sociais em Portugal (cf. DOLABELLA, 2015a).

E, além disso, sobretudo no que diz respeito à sexualidade, essas mulheres representam, por instrumentalizarem o sexo e o afeto, uma fuga à norma que se traduz, muitas vezes, numa desvalorização social. É precisamente sobre as percepções acerca deste deslocamento dos quadros normativos da sexualidade que os dois episódios se destoam, revelando subjetividades que se produzem e se descortinam de maneiras distintas: o primeiro, pelo discurso sobre si, elaborado, reflexivo e dotado de continuidade e coerência; o segundo, pela súbita ruptura com o que era considerado normalidade e a ameaça identitária que paira sobre a possibilidade de vir a se definir como prostituta.

É importante observar que Jéssica vem de um contexto social privilegiado em relação à Gabi e às outras mulheres que participaram nesta etnografia. Estudante universitária – embora sua trajetória escolar após a migração para Portugal tenha sido permeada por pausas e descontinuidades

des – e filha de pais com formação superior, Jéssica possui maior capital escolar e cultural como, por exemplo, a fluência em outras línguas (inglês e espanhol). Entretanto, mesmo que ela seja oriunda de um contexto mais intelectualizado e com atributos de classe média, seus pais vivem com salários baixos, o que levou Jéssica a trabalhar desde cedo, tendo sido ela própria a pagar por seus estudos no Brasil. Ela e a irmã, assim como a maioria das outras meninas abordadas na pesquisa, mandam dinheiro para o Brasil para pagar dívidas pessoais e para ajudar sua mãe nas despesas básicas. Outro elemento interessante para esta análise é o fato de que Jéssica, na época do relato, já não exercia a atividade de alterne e mantinha um emprego e uma vida social fora do universo prostitucional, mas, eventualmente, fazia programas para complementar a renda e poder concretizar o projeto de se mudar para Londres. Ou seja, ser considerada prostituta, no momento da narrativa, não representava para ela uma ameaça identitária.

Gabi, por sua vez, vem de camadas mais populares e, em relação à escolaridade, completou o ensino médio. Seus pais não possuem cursos superiores e trabalham em setores menos qualificados do mercado.

Em vista desse contexto, Jéssica possui, em comparação à Gabi, um acesso maior à mobilidade social e possibilidades de autonomia e independência que a colocam em uma posição de vantagem sobre as outras meninas. Tais recursos permitem que Jéssica conduza tanto as interações com os clientes quanto seus relacionamentos sexuais e afetivos no geral de maneira que os homens não estejam no centro das suas possibilidades de ascensão social. Sua narrativa é permeada por elementos que evidenciam seu acesso a recursos discursivos alternativos, assim como a recursos materiais que possibilitam diferentes estilos de vida favoráveis à vivência de uma sexualidade mais autônoma e livre. O fato de fazer sexo por dinheiro é colocado por ela em termos de escolha e não como sujeição a uma necessidade ou a fatores condicionantes. Além disso, o discurso de Jéssica aponta para um processo de produção de si claramente calcado em marcas de distinção de classe frente ao terreno em que se insere no episódio narrado. Como quando ela diz

[...] Naquela época a gente vivia no perrengue de grana porque a gente gastava tudo em viagem, festas e essas coisas boas da vida. [...] E sempre quando a coisa apertava, quando tinha que pagar a renda, por exemplo, a gente corria pro bar e trabalhava mais dias – porque normalmente a gente só ia pra fazer a graninha da semana, tipo umas três vezes na semana. (Jéssica, 28 anos)

Ao colocar que gastava o dinheiro em viagens e festas e, seguidamente, dizer que só trabalhava no bar algumas vezes na semana, ela se posiciona em uma situação de vantagem sobre as mulheres alternes que não possuem outras fontes de renda e que tampouco podem, ou não demonstram interesse em, se permitir viajar e gastar dinheiro com “coisas boas da vida”. O caráter mais hedonista de sua narrativa chamou minha atenção por se diferenciar das falas das outras colaboradoras que, com frequência, ao falarem do trabalho no bar, remetem para a noção de sacrifício em prol da família ou da busca por um futuro melhor (cf. DOLABELLA, 2013, 2015b). Mais ainda, quando narra a decisão de procurar o tal cliente e fazer sexo por dinheiro, ela evoca a ideia de que os conflitos que envolvem o sexo comercial foram dissolvidos pela experiência e por saberes, ou seja, a parte negativa da história – a tensão e a humilhação pela qual ela diz terem passado – não está na instrumentalização da relação sexual em si, mas sim na falta de experiência e conhecimentos para conduzi-la satisfatoriamente.

[...] A gente tava supernervosa, mas a chance de ter essa grana assim na mão dava uma animada, né? [...] A gente tinha era que ter feito uns programas naquela época... Duas visitinhas numa casa de saída e a gente teria o triplo do dinheiro e com menos sofrimento. Mas naquela época a gente não sabia de nada... (Jéssica, 28 anos)

Ambos excertos retirados do relato de Jéssica ilustram a reivindicação de um posicionamento mais aberto, flexível e livre em relação à sexualidade e aos usos que se faz do próprio corpo.

Já no caso de Gabi, foi possível perceber com precisão – pelo fato de estar lá, presente na cena – o desconforto imediato que a possibilidade de sair com um desconhecido para fazer sexo por dinheiro lhe causou. A palavra “programa” foi rapidamente introduzida por Gabi para estabelecer um limite, uma barreira, diante a ameaça identitária em causa pela ruptura iminente com uma certa representação de si própria e a possibilidade de vir a definir-se como “puta”.

O diálogo que se seguiu entre Bela e Gabi foi particularmente interessante por problematizar as definições de “puta” e “programa” que Gabi expressou em sua reação, no sentido de flexibilizar tais concepções em vista de uma possibilidade vantajosa em termos monetários.

A adoção de práticas que rompem com os quadros normativos favorecem a reflexividade e os questionamentos a respeito das possibilidades de ação e agência e, conseqüentemente, o alargamento dos limites do que pode ser considerado como uma conduta “normal” ou aceitável. O que

entra em cena, portanto, não é a subversão da norma, mas sim um processo complexo e, não raro, conflituoso, de situar a escolha por determinadas práticas nos sentimentos de continuidade e coerência nos quais a identidade assenta. A forma com que Bela recusa o termo “programa” e situa a demanda do tal cliente fora da atividade prostitucional é ilustrativa desse processo.

É muito comum, no contexto das casas de alterne, que as meninas passem a se relacionar com alguns clientes regulares também fora dos clubes.⁴ Quando a relação se estende para fora dos bares, esses clientes passam a ser chamados “namorados”, numa espécie de resignificação do relacionamento que ali se constitui, já que este vai muito mais além de uma troca preestabelecida entre favores sexuais e dinheiro ou outros benefícios. Trata-se de relações relativamente estáveis, nas quais está presente uma dinâmica de intercâmbio entre, de um lado, uma disponibilidade afetivo-sexual e, de outro, a “ajuda” que pode vir de várias formas. As meninas geralmente saem com seus “clientes-namorados” para jantares, passeios ou viagens curtas. E eles, por sua vez, ajudam no pagamento do aluguel e contas diversas, dão presentes – tais como computadores, joias, roupas, passagens para o Brasil. Além disso, a ajuda também pode vir em forma de capital social, nomeadamente contatos com pessoas influentes em diversos meios ou até o fornecimento de contratos falsos de trabalho que possam facilitar a regularização de mulheres em situação de ilegalidade em Portugal.

É uma relação que envolve reciprocidade, ainda que assimétrica, e que gera obrigações e, muitas vezes, afetos.⁵ E, nesse sentido, o papel da ajuda é fundamental porque afasta a interação de uma dimensão comercial e instrumental e a aproxima do afeto e das emoções. A partir do momento em que o relacionamento é investido de afeto, cumplicidade, amizade, desejo ou outras subjetividades, o sexo é colocado numa situação de normalidade na medida em que a dimensão comercial não é passível de uma demarcação visível, ainda que interesses diversos possam estar envolvidos.

Vale notar ainda que a ideia da ajuda é muito difundida no Brasil, mesmo fora do universo do mercado sexual (FONSECA, 2004; PISCITELLI, 2011; REBHUN, 2007), e que o caráter de provedor é geralmente valorizado nos homens. Ao mesmo tempo em que a associação entre sentimentos e dinheiro não é vista com bons olhos em nossa cultura, existe, no sentido oposto, a ideia de que relações afetivo-sexuais podem constituir boas fontes de obtenção de bens materiais e ascensão social, mesmo em contextos vistos como não prostitucionais.

Alguns autores têm falado em “sexo transacional” para uma análise mais ampla dessas relações que envolvem o intercâmbio de sexo por bens diversos, sejam eles materiais, econômicos, sociais ou simbólicos (ASSIS;

OLIVAR; PISCITELLI, 2011; HUNTER, 2002; KEMPADOO, 2004). Essa ideia de sexo transacional faz muito sentido no estudo das interações entre as meninas do alterne e seus “clientes-namorados” – os clientes com as quais o relacionamento se estende para fora dos bares – na medida em que, como nas relações estudadas por Mark Hunter (2002) na África do Sul, as pessoas envolvidas nesses relacionamentos se reconhecem e se identificam como namoradas e namorados – e em alguns casos como “amigos e amigas” – e não como prostitutas e clientes. Além disso, os intercâmbios presentes nessas interações, embora envolvam uma série de diferentes obrigações, não pressupõem pagamentos predeterminados.

É interessante observar que a percepção positiva que as colaboradoras da minha pesquisa possuem sobre a atividade que desempenham no bar de alterne passa muito pela diferenciação da prostituição. Pelo fato de o trabalho das alternes ser facilmente identificado como um tipo de prostituição abrigada (*indoor*) seja no senso comum, na mídia ou mesmo na literatura científica em Portugal, a negação dessa identificação é latente nas falas e nas reflexões que fazem sobre si próprias. Contudo, é muito importante ressaltar que não procuro aqui reiterar uma distinção moralizante entre mulheres prostitutas e não prostitutas, como se a prática comercial da relação sexual estivesse em desvantagem em relação às atividades que não fazem uso da mesma. O que proponho é, justamente, tentar perceber quais são as hierarquias estruturais e subjetivas acionadas pelas meninas quando essa distinção é enfatizada.

Sendo os usos que se faz do corpo e da sexualidade uma dimensão tão conflituosa e alvo constante de controle social na vida das mulheres, a recusa do rótulo da prostituição, num contexto marginalizado, constitui um importante mecanismo desestabilizador do estigma. O que está em causa, no entanto, não é a presença ou não de sexo nas relações com os clientes, mas sim como as meninas, nesse contexto, fazem suas objetificações e racionalizações sobre a sexualidade e como as práticas sexuais são investidas de significações identitárias.

Considerações finais

Neste artigo procurei discutir os dilemas que duas mulheres envolvidas na atividade de alterne enfrentaram em relação a usos instrumentais da sexualidade. Relações sexuais e/ou afetivas em que condicionantes materiais possuem centralidade são percebidas e vividas de maneira conflituosa por romperem com construções normativas a respeito do exercício da sexualidade e, em efeito, acarretarem na estigmatização das mulheres que as protagonizam.

Através da observação participante e de interações mais prolongadas com as meninas, pude perceber que a entrada num universo desconhecido (o do mercado sexual) é permeada por elementos que causam um impacto negativo – elementos esses que giram em torno de questões de sexualidade, tais como a seminudez, a erotização do comportamento, o contato físico próximo com homens desconhecidos e, sobretudo, uma performance ligada à eroticidade e intimidade num contexto comercial e a possibilidade de vir a se definir como “puta” – e desencadeiam um conflito moral significativo. Entretanto, com a rotinização da experiência, a convivência com colegas no trabalho, os ganhos financeiros e a abertura do campo das sociabilidades dessas mulheres, as angústias e ansiedades causadas pelo conflito moral inicial acabam se dissolvendo com a incorporação de novas disposições morais que informam as maneiras de ser e estar nesse novo cenário experiencial.

Não se trata, no entanto, de uma nova moralidade que ocupa o lugar da antiga e que com isso ocorra uma aceitação imediata de comportamentos antes considerados inaceitáveis. O que ocorre é a abertura de um espaço para a busca por possíveis saídas para dilemas morais. No caso do terreno por mim etnografado, pude perceber que, com o tempo, a percepção negativa inicial em relação à atividade da alterne vai se diluindo através da rotinização desse novo campo de experiências. O que é, no começo, fonte de desconforto e sofrimento acaba por transformar-se em situações contornáveis por estratégias e saberes, sobretudo no que toca ao uso instrumental da sexualidade. O que antes era considerado imoral ou inapropriado, consequência do *habitus* adquirido através dos processos de socialização convencionais pelos quais passamos ao longo de nossas vidas, converte-se numa reflexão acerca desse *habitus* no sentido de achar respostas que correspondam ao novo universo de experiências.

A convivência entre as colegas e os laços criados nesse contexto desempenham um papel fundamental nesse processo. As colaboradoras da minha pesquisa, embora tenham tido duras dificuldades de adaptação no início, expressam uma apreciação pessoal positiva da atividade como um meio que possibilita ganhos materiais, autonomia, ascensão social e diversão, ainda que com alguns constrangimentos e desvantagens, sobretudo no que diz respeito ao estigma que envolve o trabalho no bar.

Os relatos biográficos, como ilustrou o caso de Jéssica, constituem um espaço onde discursos de pertença, julgamentos morais e classificações sociais se reúnem de maneira mais ou menos articulada e revelam como os sujeitos narradores atribuem sentido às suas práticas sociais e às práticas dos outros a sua volta. Eles nos permitem situar as narrativas de acontecimentos aparentemente autônomos, articuladas às formas expressas de dotar esses acontecimentos de sentido, em uma rede mais ampla e complexa de

relações sociais. Comportamentos são criticados, atributos identitários são enfatizados e emoções são nomeadas num processo discursivo que, aliado a outros conhecimentos sobre o terreno, nos permite descortinar quais são as hierarquias sociais que estão sendo acionadas na produção dessas verdades no ato de sua partilha com o pesquisador.

Através dos relatos individuais de experiências vividas, pode-se chegar a uma compreensão de como as estruturas sociais se manifestam nas vidas dos sujeitos e nas maneiras como eles se reinterpretam e narram seu posicionamento subjetivo em determinados acontecimentos. Em outras palavras, a maneira como o interlocutor se coloca nas narrativas reflete as estruturas sociais nas quais ele se insere, as maneiras como ele lida com esse posicionamento e as interpretações que esse posicionamento manifesta em seus diversos campos de sociabilidade. Os relatos biográficos, aliados à observação em campo, nos permitem um acesso à realidade que se pretende estudar através da incorporação, individualização e reflexão que os sujeitos fazem sobre si nessa realidade.

Notas

1. “Meninas” foi a maneira escolhida para me referir às mulheres que trabalham em casas de alterne em Portugal e que constituem os sujeitos objetos de estudo desta pesquisa. Trata-se de um termo êmico comumente usado por clientes e pelas próprias mulheres.
2. Trabalhar “na noite” é o que alternes, *strippers*, prostitutas e prostitutos fazem, seja em clubes, bares, pensões, apartamentos, casas de massagem ou na rua. O termo “da/noite” é muito utilizado no contexto das alternes e remete para atividades inseridas no vasto mercado sexual e erótico.
3. As mulheres brasileiras em Portugal, mesmo que sejam brancas, passam por um processo de racialização à medida que são associadas a certos atributos, tais como sensualidade e sexualidade aflorada, simpatia, cuidado, entre outros, como se tais atributos fossem parte de uma essência inscrita biologicamente em seus corpos apenas por terem nascido brasileiras. Tal processo se dá a partir de uma lógica de dominação de matizes pós-coloniais (cf. VALE DE ALMEIDA, 2000; FERNANDES, 2008; FRANÇA, 2010; GOMES, 2013; MACHADO, 2009; MOUTINHO, 2004; PADILLA, 2007; PISCITELLI, 2002; PONTES, 2004).
4. Sobre as interações entre as mulheres que trabalham em bares de alterne e os clientes e sobre as relações entre ambos que se estendem para fora dos bares cf. Dolabella (2013, 2014).
5. Sobre relações que envolvem sexo, afetos, interesse e ajuda, ver também Piscitelli (2011).

Referências bibliográficas

- ASSIS, Glaucia de Oliveira; OLIVAR, José Miguel Neto; PISCITELLI, Adriana. (Ed.). *Gênero, sexo, afetos e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero – Unicamp, 2011.
- BRANDÃO, Ana Maria. Entre a vida vivida e a vida contada : a história de vida como material primário de investigação sociológica. Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), 2007. [online]. Disponível em: < <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/9630>>. Acesso em: 11/08/2014.
- DOLABELLA, Lira Turrer. Sexualidade, cuidado e relações de poder na diáspora: as imigrantes brasileiras no universo das casas de alterne em Lisboa. *Horizontes Antropológicos*, n.43. 2015a.
- _____. “Minha família é tudo pra mim”: discursos, práticas e performances de cuidado no universo das brasileiras que trabalham em bares de alterne em Portugal. In : LIMA, A. P. *Cuidar do outro: novas mutualidades e austeridade num Portugal em crise*. Lisboa: Mundos Sociais, 2015b.
- _____. “Quem ama cuida”: concepções sobre amor e cuidado entre brasileiras no contexto das casas de alterne em Lisboa. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10: desafios atuais dos feminismos*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. 2013.
- _____. Andar na noite é coisa de homem: performances, narrativas e relações poder no contexto das casas de alterne em Lisboa. *Revista Cabo dos Trabalhos* [online], n. 10. 2014. Disponível em: <http://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n10/documentos/4.3.2_Lira_Turrer_Dolabella.pdf>. Acesso em: 26/04/2016.
- FERNANDES, Gleiciani. *Viver além-mar: estrutura e experiência de brasileiras imigrantes na região metropolitana de Lisboa*. Lisboa: ICS - Universidade de Lisboa, 2008.
- FONSECA, Claudia. A morte de um gigolô: fronteiras da transgressão e sexualidade nos dias atuais. In: *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond Universitaria, 2004. p. 257-282.
- FRANÇA, Thais. Alternando entre o trabalho e o prazer: considerações de uma doutoranda brasileira. *Cabo dos Trabalhos: Revista Electrónica dos Programas de Mestrado e Doutoramento do CES/ FEUC/ FLUC*, n. 4. 2010.
- GOMES, Mariana Selister. O imaginário social <Mulher Brasileira> em Portugal: uma análise da construção de saberes, das relações de poder e dos modos de subjetivação. *Dados*, v. 56, n. 4, p. 867-900. 2013.
- HUNTER, Mark. The Materiality of Everyday Sex: thinking beyond “prostitution”. *African Studies*, v. 61, n. 1, p. 99-120. 2002.
- KEMPADOO, Kamala. *Sexing the Caribbean: gender, race, and sexual labor*. Nova York: Routledge, 2004.

- LECHNER, Elsa. (Ed.). *Histórias de vida: olhares interdisciplinares*. Lisboa: Edições Afrontamento, 2009.
- LIMA, Antónia Pedroso; SARRÓ, Ramon. . Já dizia Malinowski: sobre as condições da possibilidade da produção etnográfica. In: LIMA, Antónia Pedroso; SARRÓ, Ramon. (Ed.) *Terrenos metropolitanos: ensaios sobre produção etnográfica* [online]. Lisboa: Impr. de Ciências Sociais, 2006. p. 14-34. Disponível em: <<http://www.oi.acidi.gov.pt/modules.php?name=News&file=article&sid=1159>>. Acesso em: 4/08/2015.
- MACHADO, Igor José de Renó. *Cárcere público: processos de exotização entre brasileiros no Porto*. Lisboa: ICS, 2009.
- MOUTINHO, Laura. “Raça”, sexualidade e gênero na construção da identidade nacional: uma comparação entre Brasil e África do Sul. *Cadernos Pagu*, n. 23, p. 55-88, dec. 2004.
- PADILLA, Beatriz. A imigrante brasileira em Portugal: considerando o gênero na análise. In: *A imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI, 2007. Coleção comunidades.
- PISCITELLI, Adriana. Exotismo e autenticidade: relatos de viajantes à procura de sexo. *Cadernos Pagu*, n. 19, p. 195-231. 2002.
- _____. Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais. In: *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero – Unicamp, 2011. p. 537–582.
- PONTES, Luciana. Mulheres brasileiras na mídia portuguesa. *Cadernos Pagu*, n. 23, p. 229-256, dec. 2004.
- REBHUN, Linda-Anne. The Strange Marriage of Love and Interest: economic change and emotional intimacy in Northeast Brazil, private and public. In: *Love and Globalization: transformations of intimacy in the contemporary world*. Nashville: Vanderbilt University Press, 2007.
- VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Um mar da cor da terra: raça, cultura e política da identidade*. Oeiras: Celta, 2000.

Autora **Lira Turrer Dolabella**

Doutora em Antropologia pelo Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL). Pesquisa financiada pela CAPES através da bolsa de Doutorado pleno no exterior. Artigo produzido no âmbito do projeto “O cuidado como factor de sustentabilidade em situações de crise” [FCT PTDC/CS-ANT/117259/2010], IR Antónia Pedroso de Lima.

Recebido em 30/04/2015

Aceito para publicação em 22/01/2016